

«««**TRIBUNA DO VATE**»»»“**OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA**”**BIOGRAFIA DE MÁRIO BEIRÃO**

Mário Pires Gomes Beirão (1890-1965) nasceu em Beja, na Rua das Portas de Aljustrel, e faleceu em Lisboa. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, exercendo o cargo de conservador do Registo Civil de Mafra. Como poeta, insere-se na corrente do Saudosismo, tendo sido amigo de Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, entre outros. Dessa amizade resultou a sua colaboração na revista A Águia. É aliás nessa revista que se estreia como poeta com o poema «As Queimadas» (nº4, de 15 de Janeiro de 1911). Em 1912 publica a plaquette Sintra. Principais obras: O Último Lusíada (1913), Ausente (1915), Lusitânia (1917), Pastorais (1923), A Noite Humana (1928), Novas Estrelas (1940), Mar de Cristo (1957), O Pão da Ceia (1964). Escreveu também a obra inserida na literatura de viagens Oiro e Cinza (1946), Poesias Completas (edição organizada por António Cândido Franco e Luís Amaro, IN-CM, 1997).

FALAR

Falar... dizer o que a alma sente, e ouvir
A própria voz, nos ecos, extasiada
Em luz, como se fora a madrugada,
Ou sorriso de flor, ou sonho a abrir;

Falar e, a uma parábola, remir
O silêncio da treva mais cerrada;
Falar e ver, no Azul, desabrochada,
A estrela anunciadora do Porvir;

Falar e perceber que se derrama,
Em óleo santo, a voz... que, peregrino,
Seu alvo curso os corações inflama:

Ó Beatitude! Glória! Almo destino!
Como do humano ser, da escura lama,
Virgem, desponta a Luz, - verbo divino!

ENLEIO

Quando, no Outono, ocasos tristes douram
Ruínas que a Esperança veste de heras,
E há fluídos de perdão no olhar das feras,
E as almas só existem no que foram;

E quando os céus, proféticos, agouram
Verdades que ressurgem de quimeras;
Com grinaldas de extintas primaveras
As mãos da Morte a tua frente enlouram!

E, pálida, sorrís, embevecida;
Em teu olhar onde delira o Outono
Vejo a extinguir-se em luz a minha vida!

Por outros mundos a tua alma voa!
E na saudosa tarde de abandono
Um sorriso de flor nos abençoa...

DELÍRIO

Doido que sou, ardo em delírio, chamo
Em alta voz o Vento que desperta;
A Morte em seu abismo se liberta,
Um canto ri, em flor, de ramo em ramo!

Na minha voz, nos ais que aos Céus exclamo,
A palavra de Cristo se concerta;
E, sob o olhar de Deus, na cruz aberta,
Meu sangue, minhas lágrimas derramo!

AS CORUJAS

Diz o Povo na sua crença rude
Que, quando no telhado dum doente
Passam corujas piando tristemente,
Não há sopro de vida que o ajude...

E eu, que o descreio ainda, e nunca pude
Crer no meu Povo ingénuo e inconsciente,
Vi-te morrer - Imagem da virtude -
Quando as corujas piavam tristemente!...

E tanto amor, tanta meiguice, tanta...
Foram dormir contigo - Ó Linda e Santa -
Na cova onde o covêiro te lançou!

Pobre de ti e pobre de quem ama!
Anda a Morte a fugir de quem a chama,
E a procurar alguém que a não chamou!...

ADEUS

Teu nome que entalhei num tronco idoso
Dum ermo onde as saudades me levaram
E os ventos que, contrários, alteraram
A noite tumular em que repouso;

Teu nome se debuxa no ar luminoso
Em letras que memórias se tornaram;
Nas campas dos que amando se finaram
Sorri como um sorriso milagroso...

Teu nome luz de Outono se há tornado,
E, no voo do Vento, adeus profundo,
E, no Tempo, saudade do Passado...

Amor, por ti vaguei, vivi, morri;
Teu nome vem da Morte e acorda o Mundo:
Sou eu, sou eu, sempre a chamar por ti!

**CASTELO DE BEJA**

Castelo de Beja,
No plaino sem fim;
Já morto que eu seja,
Lembra-te de mim!

Castelo de Beja,
De nuvens toucado;
A luz que te beija
É sol do Passado!

Castelo de Beja,
Espiondo o inimigo;
Te veja ou não veja,
Sempre estou contigo!

Castelo de Beja,
Feito de epopeias;
Um sonho flameja,
Nas tuas ameias!

Castelo de Beja,
Subindo, lá vais...
Tu fazes inveja
Às águias reais!

Castelo de Beja,
Lembra-te de mim:
Saudade que adeja,
No plaino sem fim...

Arco Romano - Beja

E sofro e choro e rezo em meu delírio;
No céu remoto estrelas entristecem,
Ri a manhã nas pétalas dum lírio...

"- Senhor, que a tua graça me conforte! -"
E sinto que os meus olhos adormecem,
E morro abençoando a minha morte!

